



A HERÁLDICA DO PODER¹

Matheus Silveira Furtado²

Resumo: A heráldica desenvolvida para o primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques, é uma representação imagética para a narrativa de uma das mais famosas batalhas da história portuguesa: o combate que ocorreu no campo Ourique. Tal luta foi essencial tanto para a consolidação da monarquia aí iniciada, quanto para as posteriores dinastias e governos contemporâneos (ditatoriais ou não).

O escudo de Afonso Henriques foi constantemente reapropriado e reutilizado, sem perder, porém, seus significados iniciais, passando por uma transformação em seu status original. Assim, ele salta de uma simples marca dinástica, para marca do reino, Estado e nação que surgiram mais tarde. Houve, no imaginário dos portugueses, uma identificação coletiva para com os símbolos e significados inerentes aos escudetes azuis em forma de cruz, que simbolizam a heráldica do monarca.

Além de sua utilização em selos, brasões, tabuletas e pinturas, o escudo de Don Afonso Henriques também ilustra acessórios, joias, vestuário, peças de mobília, bandeiras, moedas, armas e os mais variados objetos.

Palavras chave: heráldica, símbolos, associação, poder, artefato.

Abstract: The heraldry developed for Portugal's first king, Afonso Henriques, is an imagery representation for the narrative about one of the most famous battles in portuguese history. The combat occurred at the Field of Ourique was as essential for consolidating the monarchy there created, as for the posteriors dynasties and contemporary governments (dictatorial or not).

¹ Este trabalho é uma síntese da pesquisa desenvolvida para projeto de iniciação científica e posteriormente mais elaborada, para cumprimento do requisito de monografia de graduação em História pela Universidade de Brasília.

² Graduado em História pela Universidade de Brasília. Pesquisador pelo Programa de Estudos Medievais – PEM/UnB. matheus.sil.furtado@gmail.com

Afonso Henriques's shield was constantly reappropriated and reutilized, however, it did not lose its initial meanings. Through a transformation on its original status. From simple dynastic mark, to mark of the realm, State and nation that later came to be. There was, in the Portuguese imaginary, a collective identification with the symbols and inherent meanings of the blue escutcheons, in cross shape, which symbolizes the heraldry of such monarch.

Beyond its utilization in seal, shield, coat of arms, signboards and paintings, Don Afonso Henriques's escutcheon also illuminates: accessories, jewelry, clothing, furniture, flags, coins, weapons, and several other objects.

Keywords: heraldry, symbols, association, power, artifact.

Diferentemente de outros símbolos de poder monárquicos, o escudo e a marca heráldica de Don Afonso Henriques – primeiro rei de Portugal – possuem características distintas que sinalizam a relevância tanto do monarca quanto de seus feitos.

O contexto expresso pela batalha de Ourique não se insere apenas em representações presentes no universo dos selos, brasões, marcas oficiais (entre outros). Mas também vigora nos mais diferentes materiais, nas formas e nas técnicas de criação. As imagens, já conhecidas como formas mais tangíveis para a comunicação - a partir da perspectiva de Eco em "Arte e Beleza na estética medieval" e Panofsky na sua aclamada obra "Significados nas artes visuais", - são em essência a sinalização de uma função que, no caso português medieval (século XII), girou entre a consolidação e a aclamação³ do fundador do Reino de Portugal.

Assim, seu escudo é forma de imagem para a narrativa acerca do mito de Ourique (citado inclusive por Camões⁴) e do, à época, crescente sentimento de pertencimento no então condado de Portugal; é a representação de uma construção coletiva em torno do histórico da própria terra e de seu fundador; é um artefato que figura o espectro do imaginário, justificando as representações contemporâneas aos fatos de época e as posteriores (advindas de associações a outros governantes); e

³ Referente ao ritual de levantamento dos guerreiros. O que contrapõe Portugal aos exemplos de reis santos, desenvolvido por Marc Bloch em seu "*Os reis taumaturgos*". E ainda remete à cisma entre papado e coroa portuguesa, pelo reconhecimento de Afonso Henriques como rei.

⁴ Segue Camões, com detalhe na descrição presente em sua obra. "Aqui pinta no branco escudo ufano, que agora esta vitória certifica, cinco escudos azuis esclarecidos, em sinal destes cinco reis vencidos [...]".

estabelece uma cadeia de entendimentos possíveis para aqueles que se centram no estudo de imagens enquanto símbolos de estrutura narrativa.

Em detalhe, na figura a seguir, está o escudo associado a D. Sancho I, descendente de Afonso Henriques, mas que é apresentado tanto por Camões como pelas *Crônicas breves e memórias avulsas do mosteiro de santa cruz de Coimbra*. Localizadas na *Portugalica Monumenta Histórica*⁵, como sendo o escudo do primeiro rei português.

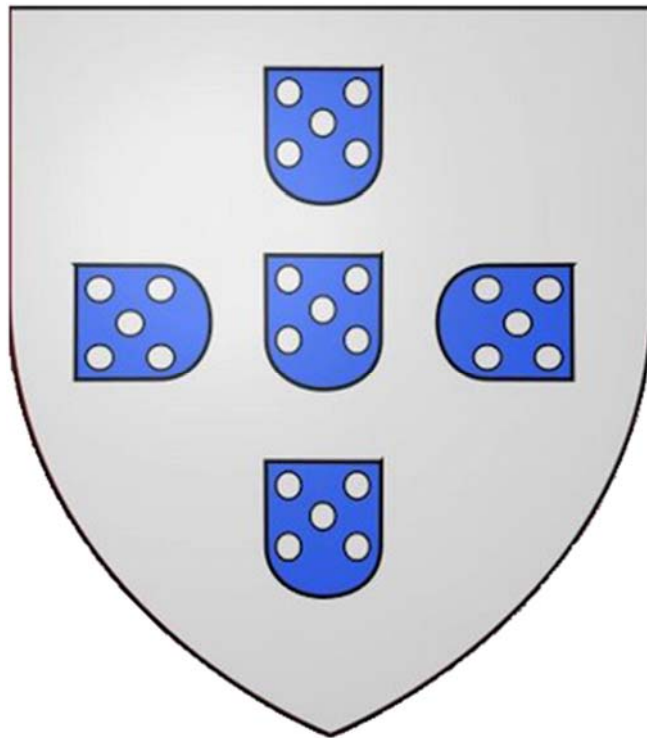


Imagem 1: Escudo de Sancho I. Imagem de domínio público disponível em: <<<http://www.mbaeditores.com/2014/05/o-escudo-portugues-cores-e-tracos-nas.html>>>

Características do escudo de Afonso Henriques. – Ressonância, remanescência e imaginário como o artefato.

A primeira dessas características é a transformação de seu status. Os escudetes azuis em forma de cruz, pensados especificamente para narrar os acontecimentos da batalha de Ourique (a queda dos cinco reis mouros, a aparição mítica de Cristo crucificado voltado para Jerusalém e a vitória miraculosa) passam a representar,

⁵ Portugalica Monumenta Histórica. Tomo 1. Livro 1. Volume I Página 27.

consequentemente, as armas do rei, moldado e reconhecido, dentro de Portugal, a partir dessa luta específica.

Dessa forma, o escudo da dinastia iniciada por Afonso Henriques é elevado. Possui uma mudança real de status, deixa de ser meramente uma marca de família, como são tantos outros brasões em armas, de tantas outras dinastias. Transforma-se no escudo e símbolo do reino e da posterior nação portuguesa. O mito é essencial para toda a formação do discurso monárquico em torno de tal figura, que surge como representação do modelo de guerreiro e cavaleiro, ideias para os padrões do contexto de reconquista da Península Ibérica medieval.

Durante as épocas posteriores, na Era Moderna, foi valorizado pela dinastia de Avis (que necessita de uma profunda associação ao pai da independência, como instrumento de legitimação para a sua ascensão ao trono) e; na contemporaneidade, foi utilizado na cunhagem e nomenclatura da moeda portuguesa anterior ao Euro; usado pelo fascismo como instrumento de aproximação e reconhecimento coletivo a Salazar e também faz parte da atual bandeira de Portugal, com adições sofridas ao longo do tempo.

A seguir, temos uma iluminura em uma carta régia do período manuelino. Uma inicial “D”, decorada com o escudo de Afonso Henriques e seguida com os títulos de D. Manuel. Os detalhes a serem destacados são a moldura vermelha (preenchida por castelos dourados) e a coroa, ambas associadas ao processo de conquista do território dos Algarves, anexado posteriormente ao reino de Portugal, aproximadamente no ano de 1249. O Título que segue logo abaixo do nome do rei menciona já os novos reinos e conquistas “Dom manuel per graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves daaquem i dialem mar em africa Snnor de guinee [...]”



Imagem 2: Fotografia. Foral da Óis da Ribeira. Primeira página. Fólho. Arquivo da Câmara Municipal de Águeda. Com adaptações. Disponível em: << <https://www.cm-agueada.pt/pages/208#.VaMnsl9Vikp>>>. 2014.

Há ainda outra representatividade, na primeira das características aqui detalhadas. Ao contrário de cetro e globo, que são elementos do poder régio, o escudo do primeiro rei português passou a ser apropriado por uma série de nobres e cavaleiros, fato que não se limitou apenas ao contato direto com o monarca⁶, e não se referiu exclusivamente ao seu poder. Portanto, entrando novamente no hall das marcas coletivas e de apresentação de um sentimento de pertencimento, ou até mesmo, reconhecimento. Reconhecimento esse que surge entre os iguais, cavaleiros que o acompanharam na famosa batalha de 1139, e que o ergueram, e o aclamaram rei: “o melhor e o primeiro entre os iguais”.

Em segundo plano, está a sua característica remanescente, sem perda de seu significado original. Mesmo que os escudetes de Afonso Henriques tenham sido reapropriados e resignificados com o passar dos tempos, eles ainda permitem que os seus significados originais sejam encontrados.

⁶ No que tange ao profundo debate historiográfico sobre a existência ou não do objeto, é quase consenso nas argumentações de diversos autores que era um artefato de poder, pensado e representativo de Afonso Henriques. Mas não há coesão acerca de sua real significação. Se ela se refere à versão mitológica, ou à factual, em torno do combate de Ourique.

No lugar de Ourique [...] fere-se a batalha que uns consideram de maior vulto, outros de reduzida importância. Ao seu nome liga-se a fama da miraculosa aparição de Cristo crucificado a D. Afonso, das divinas palavras de incitamento e da resolução de colocar na bandeira de Portugal as cinco chagas. (AMEAL, 1949: 54)

Deixando de lado certas idealizações, há uma presente discussão acerca da representação expressa no escudo. Se sua narrativa apresenta a visão tida por Afonso Henriques, ou única e exclusivamente ilustra seu desempenho, a queda dos cinco reis mouros. O importante é ressaltar a sua continuidade e, posteriormente, a sua revitalização. A imagem traduziu, inclusive, uma expressiva forma de demonstração do poderio inerente ao império português quando foi levada para as variadas colônias do além mar.

Um bom exemplo seria o marco de Torres, localizado em Natal – na Fortaleza dos Reis Magos –, que apresenta um entalhe dos cinco escudetes em formato de cruz, remetendo à ideia de consolidação e domínio sobre o território. Outro exemplo é a imagem a seguir, de um planisfério português anônimo, aproximadamente de 1540, localizado em Viena na Biblioteca Nacional da Áustria. O detalhe do planisfério é interessante, não apenas pela nítida visão do escudo, mas também pela percepção de uma visão romântica para o nativo.



Imagem 3: Fotografia. Recorte do “planisfério português anônimo”. Arquivo da TV Senado. Senado Federal. Brasília. 2014.

Seus escudetes não tiveram seus sentidos, mesmo os mais básicos perceptíveis ao olho nu, corrompidos e desassociados por completo, como ocorreu com diversos artefatos, obras e pinturas, que terminaram caindo no plano do esquecimento e, quando recuperados, podem não ser mais relacionados ao que originalmente significavam.

Assim, o escudo de D. Afonso Henriques é um instrumento tanto de ressonância quanto de remanescência. Permite que se entenda o que era valorizado e percebido como digno de reverência para os homens da Península Ibérica medieval. A sua constante reapropriação e reutilização, tanto em termos imagéticos quanto representativos do imaginário portugalense, marcam um novo aspecto para a ideia de permanência no que tange ao uso e entendimento de um mesmo símbolo.

E, por fim, resta a percepção do imaginário enquanto um artefato. O escudo figura um plano que molda o imaginário português, auxiliando num processo de formação e consolidação para um patrimônio cultural dessa específica coletividade. O objeto é material, enquanto aspecto antropológico e social; fruto de produção de uma determinada sociedade. Mas no caso português, o imaginário acerca dele é em si mesmo um artefato enquanto conceito, já que ele apresenta a lógica discursiva de poder e legitimação empregada por muitos monarcas medievais. O escudo, então, serve não somente ao âmbito da imagética, pictórica, residual, manufaturada, mas também ao imaginário, produção de pensamento, ideia do coletivo. É pensado a partir dele e também o molda.

O conceito de cultura como um patrimônio, presente nos argumentos de José Reginaldo Santos, é aqui utilizado para justificar o entendimento do Artefato enquanto um conceito, e o escudo de Afonso Henriques se insere nessa concepção. Há toda uma produção conceitual em torno da elaboração de um produto manufaturado. O ato de realizá-la representa em si mesmo respostas sociais para as realidades históricas e vivenciadas por cada coletivo. Como nos demonstra Rüsen ao desenvolver seu conceito de história a partir e para um público alvo⁷. Esse aspecto, evidentemente, também existe para as imagens, e no caso específico, para objetos representados em narrativa, iconografia e produtos manufaturados.

⁷ RÜSEN, Jörn. *História Viva*. Ed. UnB. 2009. Explica essa concepção de história e produto final. Algo que pode ser entendido como semelhante, até certa medida, ao que entendem Isherwood e Douglas, quando trabalham a ideia de bens de consumo e suas relações com as sociedades.

Tal lógica é parte integrante de uma gama de coletividades. Não apenas daqueles que têm, durante o período, um interesse pela efetiva autonomia de Portugal, mas também pelos defensores dos ideais cruzadistas e de reconquista da Península Ibérica (ideal que perdura até mais tarde, no caso espanhol), e posteriormente, dos que usam essa marca como forma de exemplo e reflexo para um bom monarca, atendo-se sempre ao entendimento de participação e elaboração dos portugueses.

Considerações finais.

A heráldica criada para o primeiro rei de Portugal, Afonso Henriques, é, ao mesmo tempo, a marca de sua linha dinástica e o semblante do reino e nação que se consolidaram mais tarde. As representações das imagens impressas em seu escudo são não apenas uma narrativa da batalha e mito de Ourique, mas são também instrumentos para o entendimento da mentalidade daqueles que decidiram se associar a ele.

A batalha de Ourique, sendo mítica ou factual, é um dos marcos para a construção coletiva de reconhecimento entre os nobres medievais que habitavam a península. E é com as narrativas de tal acontecimento que começa a surgir uma efetiva associação entre esses nobres e o primeiro rei de Portugal. Estão presentes os escudetes azuis, (escudetes do rei - do reino), nos brasões, nos selos e nos escudos das famílias que seriam consideradas as mais antigas do condado portugalense, ou seja, apoiadores da independência e dessa dinastia desde a fundação do reino e reinado de Afonso Henriques.

Os atributos associados ao escudo de Afonso Henriques são também presentes em outras imagens e símbolos de poder. Seus respectivos significados marcam as excentricidades e fatos de cada uma das sociedades que com eles se identificaram e os utilizaram, tendo seu sentido preservado ou não. Os louros da vitória, as espadas de vencedores, as aves de rapina, as joias da coroa são alguns dos casos em que a imagem traduz uma lógica discursiva de poder e facilita sua compreensão, sem ter de fato seus sentidos alterados ao longo da história.

A ligação simbólica entre Afonso Henriques e as dinastias posteriores a ele permaneceu no uso de sua imagem. Ele foi o pai da independência, o líder nato dos cavaleiros que o acompanhavam e o modelo de guerreiro cruzado em toda a Península Ibérica medieval. Os símbolos escolhidos para traduzir essa ideia foram seus escudetes,

que sobreviveram ao tempo. Eles ainda estão impressos sobre a bandeira de Portugal, remetendo-nos ao primeiro rei e um dos primeiros sentimentos de identidade na Europa.

REFERÊNCIAS:

Fontes Primárias:

HERCULANO, Alexandre. *Portugalia Monumenta Histórica*. Tomo 1. Livro 1. Volume I Página 27. **Crônicas breves e memórias avulsas do mosteiro de santa cruz de Coimbra**.

Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica. Editorial Enciclopédia. Lisboa 1961.

CAMÕES, Luís. **Os Lusíadas**. Canto III. Estâncias 42-53. Século XVI. Disponível em: < <http://tabacaria.com.pt/lusiadas/ourique.htm> > Acessado a 29 de maio de 2014.

Bibliografia:

ALMEAL, João. **Historia de Portugal**. Nova Edição. 1949. Livraria Tavares Martins – Porto.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. Pag 35-44. 1993. Ed.: Companhia das Letras.

BRAGA, Maria Manuela. A marginalia satírica nos cadeirais do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e sé do Funchal. *In: Medievalista on line*. Número 1. Ano 1. 2005
Disponível em:

< <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA1/medievalista-marginalia.htm> > Acessado a 22 de maio de 2014.

CHAGAS, M. Pinheiro. **História de Portugal**. Volume I. 1954

ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Pg: 31-36, 110-113, 131-137. Ed.: Globo. 2ª edição. SP. 1987

_____ (org.). **História da Beleza**. 2012. Ed.: Record. 2ª Edição. SP 2012

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. 2002. *In: memória e patrimônio ensaios contemporâneos*. Ed. DP&A.

_____. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *In: Horizontes antropológicos*. Porto Alegre. Ano 11, n. 23. Pag. 15-36. 2005.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal**. 1972.

MATTOSO, José. **História de Portugal**. Livros: 1 – 2. 1998.

MENEZES, Angela Dutra de. **D. AFONSO HENRIQUES Pai da pátria portuguesa. 1109 – 1185.** Disponível em: < http://www.vidaslusofonas.pt/d.afonso_henriques.htm > Acessado a 29 de agosto de 2013.

PANOFSKY, Erwin. Iconologia e Iconografia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. *In: Significado nas Artes Visuais.* Ed.: Perspectiva S.A. 3ª Edição. São Paulo. 1991.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. A batalha de Ourique: entre o acontecimento e o mito. *In: ALMEIDA, Néri de Barros. SILVA, Marcelo Cândido da.(org.). Poder e Construção Social na Idade Média.* Editora UFG.

_____. A monarquia em Portugal e no Brasil – uma longa Idade Média. *In: MACEDO, José Rivair. A Idade Média Portuguesa e o Brasil.* Ed.: Vidrágua. 2011. Porto Alegre.

RÜSEN, Jörn. **História Viva.** Ed. UnB. 2009.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **História de Portugal. Estado, pátria e Nação (1080 – 1415).** 1979. Lisboa.